

# VIAGEM A ANDARA OO LIVRO INVISÍVEL

VICENTE FRANZ CECIM

[Escritor]

## FONTE DOS QUE DORMEM

### A colheita das paisagens

Para descer o céu à terra num antro mais cheio de murmúrios

aquilO

que morre nas flores

canta

um Rumor de luz

Eu escuto, na Residência da Semente Branca daqueles que tiveram o pé esquerdo devorado por ovelhas

Eu nutro: os caminhos apagados

Eu nutro: a mais antiga, a Visão que veio ao encontro dos que vão em busca

da espera de Si mesmos

Eu não sou a semente

de uma intensidade nua de espinhos, eu não sou

Eu não sou

## Fonte das constelações

Sem semear ossos no fim da tarde  
e vindo ao encontro dos teus olhos nos Caminhos das espreitas,

eu busco  
o segredo luminoso  
da  
Tua  
Água

Soprando as cinzas,  
mais humano que o Limo

Este é o Passo de Sombras  
Esta é a Noite em que o céu virá beber nosso rumor de terra

Aqui

Eu espero

## Como uma Construção erguida para baixo

rio em Silêncio, e serpentes: A Palavra  
interminável

mente

calada

mente de Aves Profundas

e um Carrilhão de Luz

soando na Penumbra dos Seus Olhos,

dAquila que escurece  
as manhãs de cinzas  
as pedras dos dedos da Oração

quando o mais Alto se ergue

e depõe o Muro Branco das Idades  
como Transparência

no deserto Inundado  
dos Teus sonhos: Cílio

da Carne,

e Rumor de Bosque Escuro

Curva dos Lábios  
que não dizem – Rio

lá, onde  
a Água Escura de um Abismo

Aquele que teve os olhos Selados  
já não aguarda a Aurora das Virtudes: o Guardião de Sombras

### **Aurora das virtudes**

Quando a terra se abre aos nossos pés,  
quando a terra se abriu aos nossos pés

e vindo a ausência da Ausente, veio a Ausência  
do ausente

e A que devorávamos na Sombra estava atrasada, e vindo

a que esperávamos estava atrasada

Caminho lento  
que a terra ainda não abrisse aos nossos pés

ainda Tantas vezes O teu silêncio e a Pálpebra  
que não quis nos ver

Tantas vezes o Conselho: Soluça sem espreitas

Tu me nutriste de Escombros,  
como uma construção erguida para baixo  
não era os passos

Vocação de Olhos mais Escuros  
quando a mão se abriu

para tocar O céu

Não eram os Passos dos que vieram antes

**Sim**

Quando a Árvore sem tréguas descer do céu  
como saber: Se um homem vem por degraus  
no coração da nave submersa nos Seus Olhos,

antes  
que a Inquietante fale as Palavras  
mas não após o silêncio das Virtudes

indo  
ao Encontro das lápides Flutuantes e das Águas

se erguendo para a Sede

e na penumbra oh na Penumbra  
de um Encanto

e  
da Esfera tombada no Caminho  
por Onde ainda Passam os que passaram antes  
Na penumbra oh na Penumbra,

enquanto espera a tempestade, a: Tempestade

nos

Repousos

dos

Teus

Passos

### **Lodo das espécies**

As Catedrais de Luzes já foram semeadas  
no Centeio Negro

e não te voltas para colher a Sombra

O  
Que Ora está ausente  
onde murmura Silêncio a Serpente

Agora aquele que aguardou a Alvura  
despertou na névoa e sem olhos

Agora, Aquilo se lançou nas Águas e  
sem guelras  
Nenhum Cílio

desvia o Pó de um homem das Visões  
do Florescer  
ao Fenecer  
da vida,

indo

tu serás o Escombro de Lágrimas

Canto Mais Impuro  
O  
cantando  
Se um Oceano de pedras descesse  
uma palavra Não te espera

### **Reino que Se curva**

Quando a Mente, sem espinhos,  
torturou Teu Sangue

veio a lágrima

e O orvalho te doou

O Lago

Na Solidão  
se tingem o Lodo

Ainda é a carne a Submersa na pedra  
que o teu Dom adormece

### **Estação das seivas**

Não era a Infância ainda,  
pois foi antes

Instante

sem tempo, O cancelado instante

de Ressurreições

do Pó

enteNoite

ente de murmúrios: uma semente,  
apenas Uma bastaria, Escura

Se

no Silêncio de Seivas em que nasceste

o teu Luar acolhesse a serpente

### **Corpo nu da Demanda profunda**

aquele que Tomba,

quando virá à Tona coberto de Cinzas

quando dará às Fontes suas mãos de Encantos em ruínas até  
à Seca folha lágrima Raiz da Desfolhada não nascida

quando dirá ao outroO

nascendo do seu Lado Esquerdo com a ferrugem  
das Catedrais partidas

– Busca

O ourO Escuro

para onde, para onde

Irá  
indo,  
indo

com sua imortalidade de lençóis de Alvura: O naufragado em terra,  
caminhando sobre águas brancas que não vê

Pó  
de despedidas de reencontros de Trevas murmurantes  
Pedra de Queda como um fruto: o Fruto O

que alcança a outra margem: Oo

Fervor de Limo  
Levanta voo para baixo

Quando obterá a recusa da Envolvente?

e o Não lhe será um Dom  
de Indiferença

que poupará, por Desprezo  
que poupará, pelo silêncio

### **Respirando face a Face**

Quando a Mãe se ergue na Alvorada,

quanta Espessura no sutil

quanta Presença no vazio

que contém

a mão dentro de Si, oculta de si mesma

Oco e Noite Esfera

da Espécie

Uma estrela desliza nos teus Olhos

buscando a Origem da Luz

na luz do Dia

De Rastros, animais imensos mais antigos

te dizem

que já foste e estás Aqui, escuro

### **Purificações da imagem maculada**

nenhuma Ausência mais será sentida

aquela que Devora consolando

foi embora

### **Passo em sonho**

A Construção de Carne está nas Trevas

e um Silêncio Branco

ressoa em toda parte: o

Ausente  
permanece

o que deixam seus Ossos com sons de flauta  
para a Música

e o Vento da Vida

Nós não somos um cortejo de Ruínas

nós não somos Nós

não somos os que vieram atrás do Manto  
revestido de algas  
celebrando o Encanto e o Musgo  
que a Água dos Olhos não lava Nós  
não permanecemos

indistintos

na Paisagem dos Crepúsculos Nós não

tememos

a nossa Fome das Auroras  
nossa embriaguês de Vinho Pálido

enquanto passamos, e passamos,

exatamente

Agora

## Ilusão das Sedes

agora, diante de ti está o Muro

que não existe

Construção mental

que esmaga

Mas teus cabelos, Antro de Musgo que te sonha, ainda sentem falta

das ramagens longas, das Ascensões

e da Floresta,

onde os teus Passos percorrendo insetos, mas te apoiando com  
Ternura nas Sementes,

te dizem:

que logo virá o Limo sobre a Pedra cravada nos teus Olhos

Pois continuas lá, e a Fonte e o Fruto,

ainda Lá,

Agora

**não dizerSim**

infinito é o que está Dentro in

terno?

Pois não magoas

esta Paisagem

Paraíso

que sem rancor acolhes sob os Cílios, ex

terna

na Pedra da Meditação  
em que Te dormes

e te vê

um Horizonte todo em torno de Miragens,  
sobre a Terra

### **Para abolir os lances de dados**

unes com a Asa o Vento e a Árvore  
e Agora dás adeus a ti, no Escuro

Há Água e Fogo e Terra e Ar  
e a Música a Voz

que fala o que nenhum homem ainda Se disse

oO Eu  
criou a Si

e ao seu redor a Esfera o Círculo a Vida

e a Multidão da Semente

Estás na Aurora do teu pensamento

oO d eu s  
tem muitos eus

nossa habitada Constelação de Ser

seu Fruto e Cinzas

a Tua Criança Invisível

**Mais simples que o sono da pedra**

agora vem Aquele  
que lança para Ti  
tua mão cheia de ervas, e não há Eras entre dois  
homens de limo

Agora,

te ouve em Teus Ouvidos te fala nos Teus Lábios E  
já Sabias o que te diz  
com gestos de aprendiz de Vinho e Sangue

Está te olhando dos Teus Olhos

Contempla:  
é a Paisagem das Espécies

onde se faz a Colheita dos Dons

nenhum Espelho Nenhum espelho

O Semeado

Agora,  
estás onde Só  
tu Te Esperas

**O que passou na Noite e não foi visto**

Nada,

e mais Além

uma esperança de Murmúrios

### **Residência Profunda**

só tens a ti

e um Gesto se desfaz no Ar

Fala da Ponte

Onde a Palavra, oca, simula madeira

Para onde te voltes, não estás

E Ninguém

que seja Alguém espera, Se não existes

Dizer: Espelho de miragens

E Despertar dos Sentimentos de Ausência,

abandonar os pés:

já não se movam nem te mantenham em ti

E no entanto uma Ave canta

A Tarde já foi Manhã

e há Leitos com promessas de Ternuras

À noite, acolhe a Tua Penumbra

Tu lembras o Nome vago que não dizes  
Teu Alento ergue o pó até Teus Olhos  
Um animal antigo ainda é teu irmão  
Há Luta preenchendo o intervalo dos seres  
Um pensamento Deserto se nutre de areia  
Há ondas de Lágrimas nos Oceanos, longe  
Cinzas retornando ao Fogo, com branduras  
Ossos de Flautas, ouves, se Incineram

E no entanto, uma Ave canta

e és aquático como: No Princípio Era o Verbo,

sobre as Águas

Silêncio Silêncio

Na Tarde houve uma Manhã

Só tens a Ti,

e um Gesto se desfaz no ar

**Lua das idades**

Sob o Cílio submerso

Onde um sol jamais ilumina

E no ar mais Elevado, vendo a Ave respirando o Pó  
da Terra

Onde não houve o que Ver, do que passou na Noite

E depois das Lentidões e Cantos

E Antigo como um homem de Madeira na janela,

se abrindo

flutuante

aos Oceanos

E no fundo de Ti

**Silêncio dos nomes**

Indiferente e lento

mas como um movimento Adormecido

E no Deserto Verde

diante de uma Casa de Penumbra

Quem saberia  
o que dizer desta Paisagem onde um homem

semeado

diante de uma casa em um deserto verde

espera

Indiferente e Lento

Mas com um movimento Adormecido

Antes da Aurora

E a Vida, num Sussurro, ainda não nasceu em parte alguma

**para subir montanhas Murmurantes**

Ali,

onde em cada corpo humano há um homem só

Lá

onde se reúnem para as Festas do Medo

passa uma Ave que nos vê: Espelhos ocultos em  
espelhos

Cinzas

dos Campos de Silêncio  
semeados  
de  
Vida Ausente cada um em si

E Odor

vindo do Círculo do Horizonte  
guiar

os Passos a não dar,

pois estás Aí, Fantasma

da Amizade

Ponte

que sonha a Alucinação dos Gestos

**Para alegrar uma esquina deserta**

E é Assim que tu habitas uma  
Meditação

de Estrelas e Peixes e Árvores e se apagando ao teu  
redor

no teu Rosto de Terra

Onde

não todos choram juntos não  
riem todos juntos, e Não se sabe

até Saber:  
que a Lágrima é Meditação de Tudo  
E o Riso: Meditação de Tudo

e Esses  
são os Dons da Semente Una Oca

Escuta: O Eco,  
aqui

O sermos  
as Aves de Dois Cantos

enquanto, Lá,

O sorrindo chora O chorando ri

Enquanto passa a Nau de Silêncio

**Asa dos olhos**

Quando um Lago  
for lançado num Círculo

fora do tempo

por mãos vazias antes do gesto

Quem

estará na Margem  
para receber, sem mãos,

as Doações do Centro adormecido

que Se amplia

despertado

em gratidões gratidões gratidões

em Cinzas Cinzas Cinzas

Quando descerem em Ti escuro e sol

A última

gota de água acaba de subir aos Céus e a Terra

não é mais

a Esfera de Miragens

Agora,

esses seres de Lágrimas banidos dos Teus Olhos

buscam Refúgio

na Tua Mão de Pó

E não és o Lago

O Uivo em Tua em Memória não é a Pedra que lançaste  
voltando à tona

Um homem é Sua Curva só por ter nascido

Estás

entre a Aurora e o Crepúsculo

como uma Dádiva

que se oculta antes do Gesto

Deita no Centro do leito da Serpente

Se

confundires os perdões escuros com a Lentidão

da Tua Estrela,

estás perdido

Tudo é Caverna e ecoa

Consulta os Clamores da Vida

**Se o Adormecido leva um Gesto aos lábios**

não Falar

para não nascer do Seu Ouvido  
em Rumor O

não dito, lentamente não

Ouvir

para não nascer no meu ouvido  
em Ramagens A

não dita, lentamente não

para não assustar as Ramagens do Rumor

indo e vindo

entre nós

## Asa no Ar

Exalado pelo Alento: por que veio o Homem de Vento  
Inalado pelo Alento, para Onde voltará?

E a O Que Quem pergunta  
aqui  
na Breve Residência

onde é  
Asa de Sombra

dO sido  
e  
dO não será

## Um passo antes das Cinzas

Bastante silencioso

e Ausente

mas caminhando através de Onde em si há Ninguém

Um olhar mais fechado, para ser Amplo para acolher a  
Constelação  
que não cabe nos olhos  
para não esquecer que é alguém

onde não há ninguém

E a Gotejante, ouçam: Está chamando, a cada um  
pelo seu Nome  
a Cada nenhum nome que não Diz

Ali,

onde a Fonte mais transforma Luz em Sombras

**visto no Vazio**

E então entendes:

que tudo que Passa se sonha um Eu,

e toda neblina quer Ser

E essa é a Origem

da Lágrima

**Quem**

sem mão esquerda nascendo de uma Ideia

de Tocar

Enquanto cambaleia no Crepúsculo: um k  
que ascende sem tombar KKK

Mas permanecendo, no Silêncio,  
em seus pés em seus pés

que não dão um Passo  
que não negam o sonho  
e sem

esperar nascer de cinzas um dia iMortal  
de parte alguma

E sem olhos sem Cílio sem  
palavras,

Se faz,

na Noite,

a Pergunta

e sem mão esquerda nascendo de uma Ideia

### **Pedra adormecendo**

não era o que nasce

dos que nascem

para ocultar Penumbra na luz Era

um centro escuro de estrelas, e a Tua: A Ascendente: o Omoplata de virtudes

E a Cordilheira, quando O Mais se manifestou por entre os lábios

Quanta Presença

dAquele que foi eleito

para residir

na Fenda

### **Para tocar a Sombra de uma esfera**

estás em Fuga, e contigo vai a Terra: o Ninho, e as estrelas  
te veem passar sem um grito

Sombra

onde a alma, a Ave põe Seu Grão de luz

Não foi inesperado te sentires vivo e haver  
Mãe

no Centro

toda a colmeia de Ossos se erguendo em Ruínas para celebrar  
a Voz

Alento de Véus,  
a Lua,

quando passas

mais vermelha que o Coração da Noite  
uma asa retorna ao Ovo da Aurora: Passagem, e Lá, Silêncio sem  
regresso

Louvor de nada, quanto Espanto a repousante Residência

Posto fora do alcance de si mesmo, agora

como fará para se fazer  
o Mal

nenhum rumor no Cristal da

Fonte

### **Canção dos gestos**

Acende o teu Musgo de Luz que o Corpo de Limo

re

veste

E te espera

mais Puro

que um Príncipe de pedra

### **Muro branco das idades**

e se vier em ondas, como Lama silenciosa,

não ignora  
o Dom da Água

que adormeceu na concha da Tua mão  
vazia

e olha, da Face mais alta, esse  
fruto escuro com temores de Máscara que se  
desprende,

e deixa que passe: é Luz, que caia através de Ti

Não te desvies

Nada pode esse rumor de rio em ruínas  
contra

o Limo das ramagens  
dos Teus sonhos

Escuta e doa  
a Revoada à Ave ausente, alguém celebra a Cerimônia das Sombras  
Diante de ti

há um homem, de lado, e um Olho que cintila fechado pelo Sol  
que de uma quina do Céu te Eleva,

para que não voltes atrás de Ti

Para que não te Seles

na Catedral do Bosque

**Fonte dos que dormem**

como se fosse uma centelha: } a Transparente

com som de Águas até o afogamento  
e Asas cristalinas de Pudor

e O sangue

se desfazendo em lágrima a Gota  
onde um relâmpago de patas mais selvagens

e a desabrochando: } a Constelação

suas figuras de Musgo suas serpentes de espinho

e O Jamais se acabar [ Suas Serpentes de Espinhos  
de chegar  
dAquele  
que  
Sempre passará

como o Cordão dO Tempo nos Teus Olhos }



*Vento lunar*, foto de Bruno Cecim